

## *Um resto de transferência não analisado<sup>1</sup>*

*Gracinda Peccini*

Estou partindo para este trabalho de uma retomada do texto de Freud “Análise Terminável e Interminável”, em relação a certas questões que me interessam trabalhar, tendo em conta o que venho lendo em Lacan, principalmente no *Seminário XIX*, “Ou Pire...”, que me vem possibilitando nas leituras e nas articulações. “Ou Pire...” Lacan produz com as reticências, para nos deter quanto a esse lugar vazio que importa sublimar por ser, diz ele, a única maneira de dizer algo com a linguagem. Vou retirar alguns pontos que me importam, no que localizam de onde estou partindo quanto às questões que vêm insistindo para mim como esforço de trabalho na direção da entrada desse novo discurso, que é o discurso do analista.

Lacan diz que, quando fala que “não há relação sexual”, adianta precisamente essa verdade no ser falante de que o sexo não define aí nenhuma relação. Não é que ele negue a diferença que há desde a mais prematura idade entre um menino e uma menina, a questão é que nada faz referência à relação “complexual” com o órgão, ao fato inscrito na experiência analítica e que é aquilo até o qual nos levou a experiência do inconsciente. Não é que negue que sejam distinguidos, a questão é que eles não se distinguem, não são eles que se distinguem. “A maneira como homem e mulher se distinguem não forma parte de uma lógica, eles não se reconhecem como seres falantes senão ao rechaçar essa distinção por todo tipo de identificações”. De que lógica eles não fazem parte ao não se distinguirem? Não fazem parte da lógica do discurso do analista, por este discurso sustentar o desejo da máxima diferença? Ou não haveria lógica possível que desse conta dessa distinção?

O título do trabalho tomei do que aparece no início do texto “Análise Terminável e Interminável”, quando Freud começa a falar do traço do desprezo impaciente dos analistas quanto ao rigor que o trabalho analítico exige, que aparece pela maneira como tratam os conceitos e as questões a respeito da neurose e pelas estratégias audazes e de conveniência. Há, desde o início, antes mesmo de que tenha havido tempo, uma resistência quanto ao tempo necessário para que as condições de análise se apresentem. Mesmo quando a análise segue, naquelas onde Freud pensava que já havia cura, algo ainda se apresentava como residual. Há

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na V Jornada Brasileira de Convergencia, 06 e 07 de maio de 2005, Salvador.

um lugar onde algo retorna, uma parte da transferência não foi resolvida, algo se desprende como sutura nos pontos onde ocorreram operações.

Nesse texto fundamental, onde há uma questão com o tempo, no ponto onde Freud é lacaniano, não há comodidade. Freud segue com aberturas nos pontos de impasse e é pelo relançamento desse resto que chega a nos interrogar, a nós, analistas, o que é que faz obstáculo ao avanço da cura analítica. O que é que obstaculiza o avanço do discurso do analista?

Há aí dois pontos cruciais quanto à lógica do discurso do analista: o que, desse lugar do analista, se faz com o resto e o que se entende por avanço. Vale, também, para não passarmos depressa demais por aí, no ponto de partida dessas articulações, interrogar de que lógica se trata, em que se sustenta e faz sua diferença, porque já estamos advertidos, por Lacan, que o que é de seu discurso só ganha força, naquilo que tem como seu centro, pela lógica em que se inscreve e da qual estamos ainda precários.

Fiquei pensando que uma das maneiras em que podemos situar algo a respeito da lógica do discurso do analista é que essa lógica permite extrair como produção, como efeito do discurso, a marca de um lugar que situa algo como faltante, um lugar vazio. É por isso que Lacan diz que o lugar do objeto *a*, causa de desejo, que o analista ocupa, o condiciona à inquietude, por não haver ser aí no lugar em que sua função opera. De onde o analista se autoriza é do resto que sustenta aquilo que ele não é, e não de qualquer identificação que possa provir do Outro, desse lugar da linguagem. No *Seminário XVII*, “O Averso da Psicanálise”, Lacan situa que a substância do discurso do analista é produzida pelo efeito de rechaço do discurso, pelo oferecimento necessário na análise. Como seguir, então, no ponto onde algo se apresenta na fala do sujeito, na análise, como fechado, como podendo levar o trabalho analítico mesmo a fracassar, em seu progresso lógico, por seu efeito parcial? Como avançar no sentido do progresso lógico da falta, no ponto onde algo se apresenta como obstáculo, como rochedo da castração? A que Freud nos remete, ao pôr suas interrogações: a que fim pode levar uma análise? A análise é terminável ou interminável?

Na direção dessas interrogações são várias as passagens no tempo de uma análise que pode ficar inacabada, nos efeitos terapêuticos. Ao avançar, se esse resto é relançado, a análise é conduzida a um ponto de resistência, limite quanto ao que é a questão a respeito da qual precisamos sempre voltar e fazer passar pela experiência da análise: a castração. Essa

resistência, portanto, é produzida pelo próprio trabalho da análise, pelo sujeito ter decidido começar a falar onde, pelo sintoma, se vinha mantendo mudo. É só por estar num certo ponto do caminho do trabalho analítico que algo se apresenta como resistência à entrada do discurso do analista. De um resto de transferência não analisado... uma outra partida, por haver percorrido um certo caminho e, nessa passagem, ter-se deparado com um ponto de impasse lógico da prática freudiana.

Esse ponto de maior resistência dificulta a entrada da dificuldade estrutural, por manter o sujeito a salvo na debilidade mental do sintoma. Masoquismo, reação terapêutica negativa, sentimento de culpa e necessidade de punição; pulsões obstinadas, que não cedem ao amansamento, forças em relação às quais vemos nossos esforços redundarem em nada. Nada muda com relação a uma certa situação vivida, diz Freud.

É por um esforço analisante que pode vir a se apresentar a possibilidade de abertura para atravessar o que Freud traz como *falsus*, o texto falseado que mascara uma verdade. Isso precisa apresentar-se como necessidade discursiva para aquele que fala, na análise, pelo relançamento da transferência. É necessário trabalhar com os resíduos, os fragmentos de uma pendência parcial, os traços isolados, os resíduos de fixações libidinais anteriores, para que a dificuldade reapareça na análise como resistência contra o restabelecimento. Se isso começa a passar pelos dizeres do sujeito, isso mesmo tem função de fazer andar na análise, mas depende da maneira como se tomam as questões, porque, como Freud diz, os céticos e os opositores da análise estão logo prontos a usar com escárnio isso mesmo, como argumento contra os esforços analíticos, ao invés de relançar esse argumento com um valor de verdade a entrar na fala em análise, para que haja eficácia contra a inércia como solução parcial. É por isso que Lacan nos adverte: se o analista não passou, esse é o limite daquela análise, mas se há amor à verdade, a ética da posição freudiana posta em referência à convicção da existência do inconsciente, isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano.

Freud chega a localizar em “Análise Terminável e Interminável” algo que quero sublinhar: que há para o sujeito uma homossexualidade latente. Ambos os sexos têm algo em comum, mas que se expressam de duas maneiras diferentes: eles têm a mesma atitude para com o complexo de castração; por um lado, o do homem, isso aparece como temor à passividade, e, por outro lado, pelo lado da mulher, como inveja do pênis. Esse algo em comum é o repúdio à feminilidade, repúdio à castração. Tendo como ponto de partida a primazia do falo, o que se

constitui para o sujeito no lugar da falta, pela dissolução do Complexo de Édipo, já dá alguma referência em termos da sexualidade, pela própria entrada do sujeito nesse campo simbólico, pelas referências herdadas do casal parental, onde o sujeito significa algo a respeito do sexo e conforma um tipo ideal do sexo. A questão é que fica fora qualquer interrogação a respeito do saber constituído, onde não há saber sobre o sexo. E isso é assim por estrutura mesmo, o sujeito não tem outras condições, ele aí está sem recursos. A questão é, como, pela análise, amarrar a estrutura ao real, porque o que fica mantido como distinção ainda conserva a mesma posição, a mesma atitude frente à castração. Por aí, homem e mulher não se distinguem, há uma homossexualidade mantida sob um fundo de rechaço. A que nível de linguagem, então, precisariam entrar as questões, na análise, para que o que é do sexo viesse a fazer questão para o ser falante?

Aí há um ponto estrutural. E, portanto, discursivo, difícil de atravessar quanto ao feminino, que me remete ao que Freud trabalha como masoquismo feminino, em que há uma superposição do feminino com o infantil. Partindo da primazia fálica e da afirmação primordial “todos tem”, o feminino fica equivalente a ser castrado, o que faz com que, pela maneira como o sujeito significa a castração, o feminino fique reduzido a um traço negativo de si próprio, deixado na estrutura da fantasia. Isso é importante, porque onde Freud diz que está a essência do masoquismo é no segundo tempo da fantasia, do que o sujeito nada recorda, é uma construção da análise; tempo onde o sujeito significa pela fantasia, retida com o propósito de satisfação auto-erótica, “ser espancado pelo pai” como amor – traço primário de perversão infantil em que subjaz um amor incestuoso ao pai.

A estrutura lógica da fantasia precisa passar por dizeres postos no jogo analítico para que seja possível chegar a localizar essa redução. É que a repetição de uma modalidade de ação precisa chegar a entrar na análise como repetição de um pensamento, um pensamento de retorno como um pensamento de repetição, habituado a dar certo suporte ao que é da tendência pulsional e que se revela como aquilo que faz obstáculo pelas equivalências que suporta. Há um passo a franquear para que o pensamento entre como feito do significante.

Lacan pontua que o sentido da descoberta de Freud é que algo que tem relação com a sexualidade se manifesta a partir dos pensamentos inconscientes e é também pelo que se designa a radical inadequação do pensamento à realidade do sexo. É por retornar a pontos de insistência que o sujeito, pelo que se apresenta como compulsão de destino na análise, pode

chegar a inserir algum dizer onde há um desconhecimento disso mesmo que a experiência da análise repete – não há relação sexual. Isso precisa irromper por um dizer dirigido ao analista e é o que permite extrair o que da repetição tem relação com o gozo e que a experiência analítica possa tocar no ponto do real da estrutura do sujeito do inconsciente, onde a linguagem, ao fazer defeito, deixa um resto como irreduzível. A linguagem, ao estruturar o sujeito, faz defeito. É nisso que importa retomar as interrogações freudianas. O que nós, analistas, vimos fazendo com o que se apresenta como dificuldade de falar, exatamente neste ponto do defeito, para o avanço necessário à sustentação do novo freudiano – uma posição para seu ato?

Lacan, no que segue, vem propor que, pelo real da experiência da análise, possam passar as questões da sexuação. O que poderia sexuar aí, nesse ponto onde homem e mulher não se distinguem, mantém a mesma posição frente à castração? Trata-se, quanto ao avanço nesse ponto, de uma questão com o tempo e as operações necessárias no campo lacaniano, pelo relançamento do objeto *a*.

Agora, como é que isso entra, porque Lacan diz que o que se verifica é que, por estarem os próprios analistas precários quanto à lógica necessária ao seu próprio campo, o “pré-conceito” não vem permitindo a entrada do conceito de castração ao nível do real da estrutura. Quando é que esse ponto-termo, introduzido pela função da lógica do discurso do analista, vai entrar anotado na fala do sujeito analisante? É no ponto onde há uma dificuldade estrutural, onde algo precisaria articular-se em relação ao inarticulável, que Lacan diz que os analistas mesmos vêm resistindo a seu próprio campo, sustentando uma prática onde o sujeito continua a padecer do significante, enquanto ser de saber.

A dificuldade, então, é a de pagar pelo saber a respeito da castração, esse saber a respeito de uma verdade que, por estrutura mesmo, fica encoberta, falseada. No texto que estamos aqui trabalhando, Freud nos indica: há uma ignorância forjada a respeito da castração e é essa montagem, essa forjadura do sujeito que precisa ser atravessada pelos dizeres dirigidos ao analista. Abrir para a construção da ficção e fazê-la passar pela castração. Contudo, pode ser que o sujeito não queira pôr à prova seu saber, não queira abrir mão, pôr a preço seu tão amado ideal do eu. Que Lacan saiba o que diz lhe permite limpar de gozo o campo do Outro, mas não dizer pelo outro. Portanto, um dizer precisa produzir-se pelo sujeito analisante, do qual ele precisa apropriar-se e nisso estar contado que ele não poderia dizer o que disse sem a

função do analista. Não é possível ter acesso à lógica do inconsciente sem que tenha entrado a função do analista. O objeto *a*, a esse nível, é a novidade lacaniana, é o que há de mais difícil acesso, e é o que o discurso do analista quer fazer passar.

Lacan inventa o objeto *a* para que, nesse ponto difícil de atravessar, não faça totalitarismo e que, assim, seja possível avançar nessas questões pela abertura da dimensão de ficção, ao campo do Outro, para extrair a lógica do fantasma pelo objeto *a* em seu valor lógico no que ele tem de real.

A questão também é que haja desejo analisante no ponto onde o sujeito resiste, onde o progresso lógico da falta esbarra, se encontra com a castração como rochedo. Pode ser que as condições não se apresentem, pode-se ficar aí nos benefícios do *a* como mais-valia, onde o *a* permanece intocável. A demanda analítica mesmo só se constitui se isso pode ser oferecido ao analista; se isso ocorre, o que o analista precisa sustentar nesse ponto paradoxal é uma certa posição de escuta, que permita a abertura para que as operações necessárias ocorram e permitam que o gozo irrompa na análise como gozo sexual referido a um lugar de perda, senão o objeto *a* não entra com esse valor de gozo em termos do real da experiência analítica. É um ponto paradoxal porque, para atravessar as questões nesse nível, vai precisar colocar esse valor de gozo que se toma em relação ao A, constituído como corpo, corpo do Outro, e o analista só pode abrir para isso se é possível sair dos benefícios de gozo da perversão. Se o *a* toma valor de gozo em relação à castração, é possível que se apresente o fantasma do sujeito, isso que é sua obsessão, para ser atravessado.